

# A MAIS ANTIGA DAS SETE MARAVILHAS DO MUNDO

LEONARD COTTRELL

*Saqueada, profanada, despojada até ao âmago,  
a Grande Pirâmide continua de pé: um monumento à  
habilidade do homem e à sua ânsia de imortalidade*

NUM DIA de sol, sob o céu anil do Egito, o poderoso faraó Quéops, com sua côrte, estava de pé num platô sobranceiro ao Nilo, e observava uma coisa deslumbrante—uma montanha de pedra artificial que se elevava até um pico perfeito, recoberta de pedra calcária branca, tão polida que brilhava como espelho.

Os egípcios chamavam-na “Horizonte de Khufu”—o túmulo de Quéops. Hoje conhecemo-la como a Grande Pirâmide. Cinqüenta séculos se passaram desde aquêlê dia, mais ou menos 2700 a.C., quando Quéops viu completado o monumento que havia planejado para seu sepulcro.

Ainda hoje, a Grande Pirâmide,

cobrindo uma área de quase cinco hectares e tão alta como um moderno edifício de 40 andares, deixa os viajantes maravilhados. Dentro dessa estrutura—com 147 metros de altura e uma base quadrada com 230 metros de lado—haveria lugar para a Catedral de São Pedro de Roma, para a de São Paulo e a Abadia de Westminster em Londres, e para as catedrais de Florença e Milão.

---

LEONARD COTTRELL, um dos arqueologistas mais conhecidos da Inglaterra, é autor de 14 livros, inclusive *The Mountains of Pharaoh*, *Lost Cities*, *Wonders of the World*. Desde 1942 trabalha como escritor-produtor da BBC. Em busca de material já viajou 400 000 quilômetros e viveu em 26 países.

DE LONGE, envolvidas na luz, apresentando às vêzes decorações adoráveis no fundo verde-negro da paisagem, as pirâmides são transparentes, rosadas, penetradas e vivificadas pelo azul, limpas e graves. A quem as vê a distância, elas aparecem belas e compreensíveis; entram no conjunto da paisagem, são parte da decoração. De tôda a parte elas surgem aos olhos — entre palmeiras, junto aos lagos, ou para além da linha da verdura — como a presença eterna da morte e do deserto.

Vêm-se sempre, irmãs, iguais, com o seu perfil fino, de uma pureza infinita.

Mas quando nos aproximamos, então tôda a brutal imensidade daqueles imensos sêres nos esmaga; não há na verdade paisagem nem decoração; nada que atraia o espírito poético, nada que alegre e chame a curiosidade dos olhos. Enormes, disformes, descarnadas, desconjuntadas, esfoladas, deixando ver a escabrosidade das pedras como pontas de ossos, cheias de rugas, monstruosas, fazem sucumbir o espírito — e tôdas as idéias, todos os pensamentos, tôdas as sensações, fogem diante da sua brutalidade gigantesca, como aves assustadas.

É que não se tomam então no seu conjunto, na sua imortal beleza; vêem-se apenas como uma muralha imensa, desfeita e arruinada. Assim deviam ser os antigos gigantes, que de longe, no crepúsculo, pareciam belos na sua argila divina, e ao verem-se de perto, apareciam informes, brutais e repugnantes. Assim são as pirâmides, vistas de perto; violentas e desconjuntadas. Debaixo, aquilo parece uma multidão infinita de pedras tomando o seu vôo para o céu!

—O Egito, de Eça de Queiroz,

Editôra Brasiliense, Rua Barão de Itapetininga, 93, São Paulo

Para constuir êsse túmulo colossal, um número incontável de pedreiros, cavouqueiros e obreiros labutou durante 30 anos no Planalto de Gizé, oito quilômetros a sudoeste de onde está hoje a trepidante cidade do Cairo. O pêso das pedras com que foi construída varia entre duas e meia e 15 toneladas. Existem aproximadamente 2 500 000 dêsses blocos na Grande Pirâmide, e entretanto os homens que as cortaram e colocaram em posição não possuíam recursos mecânicos a não ser a ala-

vanca, o rôlo e o plano inclinado. Êsses antigos arquitetos não tinham instrumentos de medida de precisão; entretanto, os cantos da pirâmide formam ângulos retos quase perfeitos e seus lados estão voltados, com surpreendente exatidão, para os quatro pontos cardeais. Os blocos de pedra calcária do revestimento, dos quais restam alguns fragmentos na base da pirâmide, foram cortados e ajustados com tanta precisão, que dificilmente se poderia passar entre êles um papel de cigarro.

Duas outras pirâmides, ambas túmulos de sucessores de Quéops, pertencem ao grupo de Gizé, e há mais umas 80 espalhadas ao longo da margem ocidental do Nilo. Em qualquer parte no curso da História nenhuma nação construiu tanto apenas com a inteligência e a força bruta.

Do outro lado do estéril planalto de Gizé, onde as pirâmides se erguem para o céu vazio, estendia-se outrora a cidade de Mênfis, capital de Quéops, 16 quilômetros ao longo do curso do Nilo. De seu magnífico palácio, Quéops governava com poder absoluto sobre os reinos do Alto e do Baixo Egito, que iam do sul do Mediterrâneo até à primeira cachoeira do Nilo. Mênfis, com seus palácios, mansões, lojas e escritórios, armazéns e embarcadouros, desde muito se transformou numa povoação de choupanas de barro e verdes bosques de coqueiros. Hoje, das paredes esculpidas das frias profundezas das mastabas que circundam as pirâmides, esses antigos egípcios retornam surpreendentemente à vida.

Nesses túmulos de altos funcionários, que assistiram seu faraó tanto na vida como na morte, é retratado um povo requintado e culto. Vestiam linho branco, tão fino que era quase transparente, e usavam jóias de ouro intrincadamente belas. Apreciavam a boa comida e os bons vinhos; contavam-se entre os primeiros fabricantes de cerveja. Esta pequena e aristocrática classe dominante era mantida pelo trabalho de mi-

lhões de camponeses que lavravam os campos, guardavam o gado, serviam nos exércitos do faraó e produziam objetos feitos com destreza e arte. Para os egípcios, preparar o lugar de repouso do faraó era uma tarefa religiosa. Foi o suor e a fadiga de toda uma geração desses homens que produziu a Grande Pirâmide.

Como a construção de um moderno arranha-céu, a construção da Grande Pirâmide representou um esforço altamente organizado e cuidadosamente coordenado. Uma enorme rampa de pedra, que ascendia docemente, foi estendida ao longo de um quilômetro, indo da margem do rio até à beira do platô. Só a construção da rampa levou dez anos. Ao longo dessa encosta, turmas de trabalhadores suarentos puxavam sobre trenós de madeira os monstros de pedra talhada, trazidos pelo Nilo abaixo em imensas barcaças. As pedras eram amarradas com cordas de grande comprimento e extraordinária grossura, feitas de junco trançado.

Para fornecer os grandes blocos de pedra, havia cavouqueiros trabalhando em três regiões do Egito muito afastadas umas das outras. A pedra para a parte central maciça da pirâmide era extraída do grosseiro arenito vermelho do deserto, no próprio Planalto de Gizé. Das montanhas Mokattam, além da margem oriental do Nilo, vieram as delicadas pedras calcárias para o revestimento da construção. Durante a Segunda Guerra Mundial, soldados britânicos encontraram em escuros túneis, cen-

# Ofereça A ELA

o sabor e o estímulo dos  
**LICORES  
DUBAR**



**"ELA"**

gostará desta  
seleção  
de licores

CREME DE OVOS -  
CHERRY BRANDY - FOGO PAU-  
LISTA - LICOR DE CACAU E  
OUTROS

porque :

há uma delícia

**DUBAR**

para cada paladar!

tenas de metros abaixo dos rochedos, pedaços de corda trançada aí deixados pelos cavouqueiros há 5 000 anos.

O revestimento de granito das galerias secretas e da câmara funerária era extraído da rocha na longínqua Assuã, na primeira catarata do Nilo, próximo à fronteira sul do Egito, e transportado em barcaças 950 quilômetros rio abaixo. Os cavouqueiros usavam *tritadores* de dolerite, que é mais duro que o granito, para cortar grosseiramente os blocos. No local da construção da pirâmide os pedreiros aparelhavam-nos com precisão até à sua forma final, usando abrasivos a fim de obterem um alto grau de polimento.

Para colocar as pedras no lugar, os mourejantes trabalhadores puxavam-nas ao longo de um plano inclinado de abastecimento. À beira da rampa, onde a última camada de blocos tinha sido assente, as pedras eram arrastadas para suas posições sobre um leito de argamassa líquida, que agia como lubrificante. À medida que a pirâmide subia, a rampa era prolongada, pois o declive deveria permanecer sempre o mesmo.

Os hábeis artífices—cavouqueiros, canteiros, pedreiros e homens de ofícios congêneres—eram empregados durante o ano inteiro. Mas os trabalhadores não especializados trabalhavam apenas três meses por ano, no outono, quando o Nilo transbordava. Enquanto êsses agricultores—cêrca de 100 000 em número—esperavam pelo término da inundação para fazerem suas lavouras, eram

usados em tarefas manuais na construção da pirâmide. Sob a direção de capatazes, eram organizados em turmas, cujos nomes sobreviveram, pintados tôscamente na pedra calcária.

Imaginemo-nos em Gizé em outubro ou novembro, há uns 2 700 anos. O vale do Nilo é como um imenso lago, indo dos desertos da Arábia aos desertos ocidentais. Gizé é um formigueiro humano. Das mais remotas regiões do Egito chegaram trabalhadores às vintenas de milhares; homens de pele escura, de corpo flexível, vestindo tanga. Suas casas são grandes barracões de tijolos de lôdo. Dormem aí com suas famílias, mas durante as horas do dia trabalham sob o sol escaldante. Há um contínuo murmúrio; uma mistura de muitos sons. Há os gritos arfantes e ritmados das turmas de tração ao puxarem os blocos pelas rampas acima. Há os cantos rítmicos com que os homens combinam seus esforços, de mistura com os gritos dos capatazes, e o ranger intermitente de trenós e o bater de martelos em cinzéis.

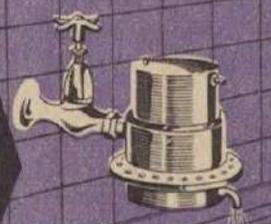
Quando a camada superior do núcleo foi assente, a pirâmide ficou invisível, envolvida pelas rampas. A tarefa final de cobrir tôda a pirâmide com seu revestimento de fina pedra calcária foi começada de cima. À medida que as pedras do revestimento externo iam sendo assentes, as rampas eram retiradas gradualmente, até que finalmente apareceu tôda a construção, comple-

## INSUPERÁVEIS OS MODERNOS ELETRO-DOMÉSTICOS

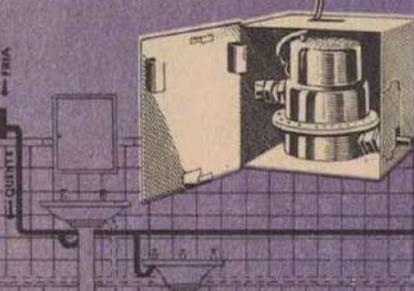
# LORENZETTI



**Chuveiro  
LORENZETTI**  
O melhor. O legítimo.  
De grande jato. 100%  
automático. 110-220 V.



**Torneira  
LORENZETTI**  
Água quente ao abrir  
a torneira. Cromada e  
elegante. Econômica.



**Aquecedor  
LORENZETTI**  
Substitui o aqueci-  
mento central com  
grande economia.  
Embutido ou não.  
Aquece rapidamente.



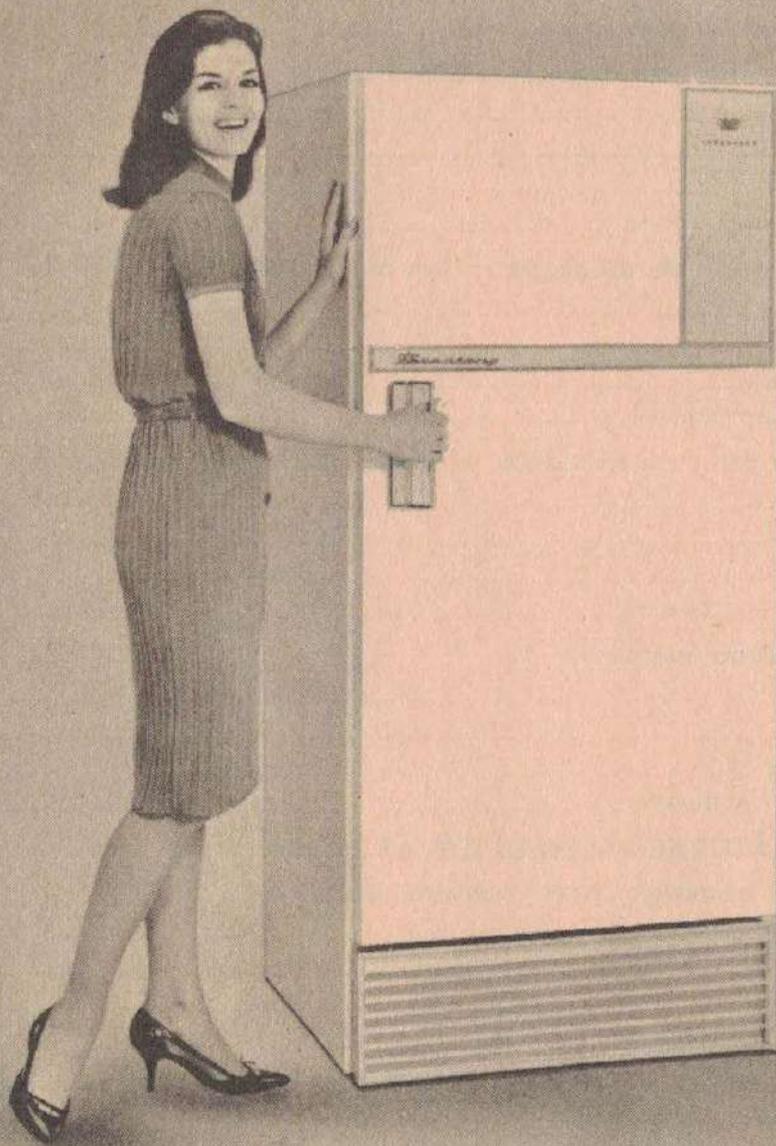
**Superbomba  
LORENZETTI**  
Especial para poços  
profundos até 50 m.  
Tôda blindada e ino-  
xidável. Econômica e  
garantida. 110-220 V.

Fabricados e  
garantidos pela  
maior fábrica de  
material elétrico  
da América do Sul.

**INDÚSTRIAS BRASILEIRAS  
ELETROMETALÚRGICAS S. A.**

S. Paulo: Av. Pres. Wilson, 1230 - Cx. P. 2582 - Fones: 32-9271 - 33-2794  
Rio de Janeiro: R. Ubaldino Amaral, 95 - Fone: 32-5766

Representantes em tôdas as capitais dos Estados. Consulte as listas telefônicas locais.



## 4 pés?

Até aí nada de novo. Todos têm 4 pés, mas, somente os refrigeradores da linha Brastemp reúnem estas vantagens:

- 8 modelos de refrigerador
- 1 modelo de congelador doméstico
- Descongelamento automático
- Porta que abre e fecha suavemente, mesmo por dentro
- Tradicional qualidade Brastemp



**Brastemp**

um orgulho para sempre

tamente revestida de pedra calcária polida.

No coração da pirâmide, 42 metros acima do deserto, mas ainda muito abaixo do cume, está a Câmara do Rei, uma sala de apenas 10,5 metros de comprimento, cinco metros de largura e 5,5 metros de altura, forrada de blocos de granito polido. Com todos êsses milhares de toneladas de cantaria sôbre a cabeça, a sensação de clausura aí é opressiva, esmagadora. Numa extremidade do compartimento, embutido no assoalho, há um sarcófago de pedra, lugar do último repouso do próprio Quéops.

Quando Quéops morreu, sua múmia foi conduzida por uma abertura na face norte da pirâmide, a seguir por um corredor descendente e finalmente por uma íngreme galeria ascendente até à Grande Galeria igualmente íngreme. A Grande Galeria é uma peça de engenharia extremamente engenhosa destinada a resolver o problema da lacração do túmulo real. Enormes "blocos-tampões" estiveram armazenados lá até à época da morte de Quéops; repousavam sôbre suportes temporários de madeira, cujos buracos ainda hoje podem ser vistos. Depois que o cortejo fúnebre real deixou a pirâmide, alguns homens que ficaram na Grande Galeria soltaram os blocos, que deslizaram, fechando a entrada da Galeria Ascendente. Os trabalhadores escaparam por uma passagem vertical, que liga a parte inferior da Grande Galeria ao corredor que con-

duz à entrada da pirâmide. Depois a pirâmide foi fechada. O corpo de Quéops parecia assim inviolável, murado para a eternidade sob milhões de toneladas de alvenaria.

Mas, em alguma época, provavelmente muitos séculos depois do entêrro, ladrões atacaram a pirâmide, furando uma passagem através da macia pedra calcária, do lado da Galeria Ascendente. Posteriormente, no século IX da nossa era, trabalhadores árabes do califa caçador de tesouros Al-Ma'mun, cavaram um túnel pelo qual os visitantes modernos entram no edifício. Encontraram apenas um sepulcro saqueado. Mais tarde governantes árabes tiraram o revestimento de pedra calcária para construir suas mesquitas.

Quando Quéfren, sucessor de Quéops, erguia sua pirâmide no Planalto de Gizé, seus arquitetos descobriram um uso para o enorme monte de pedras abandonadas pelos cavouqueiros da Grande Pirâmide, como imprestável para construção. Deram-lhe a forma de uma grande figura: a Esfinge, leão em repouso, com a cabeça de um rei, toucado, que hoje parece guardar o antigo cemitério.

Cêrca de século e meio antes do nascimento de Cristo, um matemático grego, Filon de Bizâncio, escreveu um pequeno tratado, *As Sete Maravilhas do Mundo*. Êsses notáveis monumentos eram, além da Grande Pirâmide: O Farol de Alexandria; os Jardins Suspensos da Babilônia; o Templo de Diana, em